O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 48.º — N.º 2180

Sábado, 28 de Janeiro de 1950

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.- IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

31 de Janeiro

Passa na terça-feira o 59.º aniversário da revolta do Porto, em que um punhado de patriotas se levantaram em armas contra a monarquia dos Braganças, que pelos seus erros graves e até crimes de lesa-Pátria, tanto estava comprometendo a honra de Portugal.

A República teve, nessa manhã enevoada e fria, o seu primeiro baptismo de sangue. No alto do edifício da Câmara Municipal chegou a estar hasteado o pavilhão verde-rubro que é hoje um símbolo; da varanda foram proclamados os nomes de quem havia de constituir o Govêrno Provisório, mas o dia acabou triste pelos acontecimentos trágicos desenrolados na Rua de Santo António, que fizeram banquear os revolucionários, retardando o triunfo do ideal, a que andavam ligados, como chefes militares, o capitão Leitão, tenente Coelho e alferes Malheiro deante de cuja memória nos curvamos ao lembrar o facto histórico nesta efeméride registado.

Glória aos percursores da República Portuguesa!

ESTRADA DE S. BERNARDO

Aos reparos feitos neste jornal sobre o acabamento da obra levada a efeito desde a Costa do Valado até quase ao passo do nível, sucedeu-se, como estava indicado, a conclusão do trabalho, que agora ficou perfeito, sem haver nada a dizer.

Assim, sim. Está certo.

AS SESSÕES DO CINEMA

Ouvimos quem ache que principiam tarde demais, acabando, por isso, também demasiadamente tarde, sobretudo para as pessoas vindas dos pontos afastados e muitas vezes dos arrabaldes.

Supomos que os dois teatros teem muito a lucrar, ponderando o assunto.

BÔDAS DE OURO

—o—

O curso de Farmácia que, em Coimbra, teve como professor o sr. dr. Fernandes Costa, tenciona reunir naquela cidade, em Junho, para festejar o cinquentenário do diploma alcançado na Universidade há meio século. Compunha-se, esse curso, de algumas dezenas de rapazes de diferentes terras; 25 anos depois reuniram uns 30 em almoço de confraternização, que ficou memorável, no Palace Hotel do Bussaco; depois, de 5 em 5 anos, voltaram a encontrar-se, mas cada vez mais diminuido em número, até que daqui a meses, os que tiverem a felicidade de lá chegar, tencionam, agrupados ainda, dar por findas essas reuniões que tanto concorreram para nunca se esquecerem uns dos outros, ligando-os como bons amigos.

Do programa, a elaborar, deve fazer parte, pelo menos, um número de sensação que decorrerá no Penedo da Saudade...

LOUVAVEL PUDOR

—o—

O meu cão é um pandego. Se falasse deveria exprimir-se com um bom humor de fino quilate; mas como não fala limita-se a guardar uma atitude concentrada, de reserva filosófica, uma atitude a que eu chamo «o seu ar alonso». Trata-se de um fox-terrier; talvez não muito apurado; mas ainda assim tem boa figura e é vivo e esperto como todos os bastardos da sua raça. Comprei-o na ilha da Madeira, quando êle era ainda pequeno, pus-lhe o nome de *Pang Yao*, que em chinês significa, *amigo*, e, como é natural, afeiçoei-me a êle. Tem andado comigo e com a minha tenda, de terra em terra. E assim veio parar a Aveiro. Aqui, como já acontecera noutros lugares, fez-se logo vadio e depressa aprendeu onde fica o talho mais próximo. Nem ralhos nem sovas o meteram na ordem; porque, para um cão, o talho tem tanto interesse como o tem para nós o cinema. Há dias desapareceu; foi dar o girote do costume; mas como não voltou à noite para jantar, decidi-me a procurá-lo na manhã seguinte. «—Não tem que ver! Ficaste debaixo dalgum carro!...» Eu guardava no entanto a esperança – a vaga esperança – de que tivesse sido apanhado pelos empregados da Câmara, porque não levara açaimo. E digo, vaga esperança porque isto me parecia muito improvável... Pois se eu via tantos cachorros, sem coleira nem açaimo, a deambular por bêcos e travessas, a qualquer hora do dia, sem que ninguem os importunasse!...

E quando seguia, entregue a estes pensamentos, lá encontrei uma vez mais aquele fox que passeia impunemente na Avenida, sem sombra de açaimo, com o ar mais tranquilo e indiferente deste mundo.

* *
*

Entretanto perguntei onde era o Canil da Câmara e por descargo de consciência para ali me dirigi. E qual não foi a minha surpresa ao encontrar lá o *Pang Yao*...

Estava no seu estreito cárcere, sentado no cimento frio e humido do chão, quase encostado às grades, em atitude de quem espera; sabia que eu havia de aparecer. Passara ali a noute, num frio de gelar. Tinha o seu ar alonso, uma orelha em baixo, outra em cima, e aparentava certa indiferença; mas eu percebi que tudo aquilo era fingido. E perguntei lhe:

—Então, *Pang Yao*, como vieste aqui parar?!...

Ele ergueu-se, sem excesso de entusiasmo. Guardava a consciência de ter feito qualquer asneira; mas no fundo dos seus olhos negros e expressivos luzia também a esperança de ser liberto daquela fria jaula onde passara a noite; a esperança de tornar a encontrar a sua velha manta e tasquinhar uma fatiasinha de pão com manteiga à hora do chá.

Entretido a cuidar nele nem reparei num outro cachorro que lhe fazia companhia e se achava enroscado no fundo sombrio e húmido da jaula e que, ao ver-me, decidiu erguer-se para me vir tarejar e lamber as mãos. Pedia-me que o levasse também. Confesso que me senti comovido. Para me distrair relanceei o olhar pelas outras grades e apenas vi mais dois cães.

—Como é isto?! perguntei eu. Então só apanharam estes?!...

Andam por aí tantos...

—E' que estes estavam fazendo escândalo na via pública. Fomos avisados e mandámos lá o homem, com a rêde.

—Perfeitamente. Trata-se duma questão de pudor.

E compreendi então que se tratava duma questão de pudor e não duma questão de açaimo.

Informei-me do que tinha a fazer para libertar *Pang Yao* e dirigi-me em seguida à Câmara onde fui tratar o caso miudo e burocrático dos papeis e da multa. Vendo-me afastar, o meu cão perdeu a altivez, o orgulho e a sua bela serenidade filosófica; e, como se fôsse um burguez mediocre e vulgar, desatou a ganir.

Eu cheguei depressa à Secretaria da Câmara. Havia ali um calor confortável, de boa chaufage; e logo me deram todas as informações quanto a licenças, vacinas e uso do açaimo. Por tudo isto e depois de se preencherem alguns impressos, paguei setenta e sete escudos e cincoenta centavos; uma ninharia. Mas fiquei sem dinheiro para levantar o outro cão, como era meu propósito. E sai dali com os documentos em ordem e o papelinho do resgate.

Estava frio; mas eu ia contente, pensando na alegria de *Pang Yao* quando me tornasse a ver e seguisse depois rua fora, a meu lado, parando em todos os candeeiros, como é seu hábito. Pelo caminho fui me distraindo a observar os cães sem coleira nem açaimo que andavam pelas ruas.

Chegado de novo ao Canil exibi o papel e permitiram-me então que tomasse outra vez posse do que me pertencia. Veio um senhor com uma chave e abriu as grades da jaula; apenas o suficiente para

PENHAS DOURADAS

DR. JOSÉ CRESPO

Verdadeiro livro de ouro da terra beirã, o volume *Penhas Douradas*, do escritor beirão dr. José Crespo, acaba de conquistar o primeiro prémio da novela e do conto no concurso literário instituido pela Junta Central das Casas do Povo.

A decisão deste concurso, iniciativa memorável destinada a escolher e premiar as nossas melhores obras de literatura regionalista, foi confiado a quatro das maiores individualidades intelectuais do país.

Na altura devida, referimo-nos aqui ao aparecimento de *Penhas Douradas* e o alto galardão que agora lhe foi conferido vem confirmar as referências feitas a este livro notabilíssimo. Esta distinção reflete-se, até certo ponto, no prestígio da terra beirã, pois foi ela que inspirou e forneceu os motivos para a execução da obra. Devem todos os beirões, por isso, congratular-se pelo facto de terem sido as Beiras a conquistarem o primeiro lugar na nossa literatura regionalista.

O BOTA ABAIXO

—o—

Enquanto estiver uma árvore em pé, daquelas que nos livram dos raios do sol, no Estio, purificam o ar, nos dão sombra e contribuem para o encanto dos lugares que embelezam, a devastação continua. E' o que está sucedendo entre nós, na melhor artéria da cidade, na grande Avenida Dr. Lourenço Peixinho.

Que vão ser substituidas por outras, algumas já plantadas, dizem os que aplaudem a medida. Pois sim. Olhem o estado em que ficou o Jardim de Santo António e o Parque. Nunca mais voltarão a ser o que foram porque uma árvore, para atingir o que dela se exige, leva, pelo menos, um quarto de século e nem todas, como um dia se há-de constatar, se recomendam para o local, agora completamente despido do seu melhor ornamento.

Melhor e de uma utilidade que só os transeuntes avaliam.

Mendicidade

Então o que é isto? Como se entende isto? Em que terra vivemos? Aveiro está cheia de pedintes vindos de fora. Espalhados por toda a parte, importunam não só os transeuntes, assediando os, como entram nos cafés, nos estabelecimentos, nas igrejas, de maneira que não há forma de se fugir ao assalto. E quando não estendem a mão oferecem pentes à venda, camuflando assim a profissão que desempenham. Tudo é negócio...

Mas poderá subsistir este estado de coisas tal como se apresenta? Onde estão as autoridades? Onde estão os seus agentes? Onde está a polícia?

Pobres temos nós cá muitos e por isso julgamo-nos com direito de solicitar imediatas providências no sentido de pôr côbro a est'outra invasão de indesejáveis.

Banco Regional

Recebemos o Relatório, Balanlanço e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal, por onde se verifica que continua a ter um movimento à altura dos seus créditos, visto acusar um lucro líquido de 763.368$72 sob a gerência dos srs. Alfredo Esteves, Egas da Silva Salgueiro e Francisco da Silva Rocha.

Congratulamo-nos com este resultado, para todos os efeitos digno de registo por se tratar duma casa muito nossa, em que o nome de Aveiro figura com grande relêvo.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Efemérides

Faz hoje 26 anos que transpôz os umbrais da Eternidade o eminente poligrafo dr. Teófilo Braga, que, devido às suas virtudes civicas, às suas extraordinárias faculdades mentais e à cintilação do seu espirito, se impôs ao pais inteiro.

Professor erudito, alma generosa e coração diamantino, foi o primeiro Presidente da Republica Portuguesa que ajudou a implantar, tendo sido dos mais talentosos propagandistas.

Caracterizava-o uma excessiva modestia que nunca diminuiu a sua personalidade, antes o impunha à consideração de toda a gente que via em Teófilo Braga um Homem superior, digno de todo o respeito.

Dorme o sono eterno no Panteou dos Jerónimos, ao lado de João de Deus, de Herculano, de Guerra Junqueiro e de outras figuras ilustres que fulgem nas páginas da História.

* * *

Também no mesmo dia, mas em ano diferente—1928—resvalou no túmulo Blasco Ibañes que foi das mais notáveis figuras da vizinha Espanha.

Republicano insigne, acabou os seus dias perto de Nice, onde se exilara, depois de ter despedido golpes cheios de audácia contra a monarquia.

Deixou uma vastissima obra literária que imortaliza o abalisado jornalista e eloquente orador.

Ambos são citados a cada passo por terem pertencido ao escol dos intelectuais da Peninsula.

* * *

Outra data passa, igualmente, neste dia, digna de registo: o movimento de 28 de Janeiro de 1908 que abortou e que tinha por objectivo a implantação da República.

Entre os implicados figuravam os republicanos dr. António José de Almeida, dr. Afonso Costa, João Chagas e França Borges e os dissidentes dr. Egas Moniz, dr. João Pinto dos Santos e Visconde da Ribeira Brava, que, com outros elementos sofreram as agruras do cárcere.

Era a monarquia já a perder terreno, a desmoronar-se, como veio a suceder com a sua queda estrondosa em 5 de Outubro de 1910.

Arrastão em chamas

O lugre-motor *Bissaya Barreto*, da Figueira da Foz, que se achava ancorado no rio Douro, ardeu devido, ao que parece, a um curto circuito com origem na casa das máquinas.

E' de menos uma unidade bacalhoeira.

O TEMPO

Temos tido dias formosíssimos, mas de frio arripiante. Nesse particular, o Janeiro está desempenhando o seu papel.

Rico peixe...

Os pescadores de Caminha conseguiram a semana passada arrancar às entranhas do Rio Minho um salmão de respeito. Pesava nada menos de 9 quilos e meio e foi vendido por 1.350$00, o que só acontece aos exemplares aparecidos em certas zonas.

Aos que o saboriaram, comendo-o com apetite, não lhes temos inveja.

A canzoada

Pelo visto, não há maneira de limpar a cidade desta raça que aí anda à solta, infestando-a.

Como o Miguel Cacharena ainda é lembrado como um dos mais dedicados servidores da Câmara!

Atenção para a 4.ª página

Desastre mortal

Na sexta-feira da semana passada foi aqui recebida a notícia de ter sido na noite anterior trucidado por um combóio da linha de Cascais, em Lisboa, o maquinista de bordo Manuel Marques Sacramento, solteiro, de 30 anos, filho do sr. Remígio Sacramento, professor nesta cidade.

A horrorosa tragédia, conhecida, de chofre, pela família, deixou-a, como é de calcular, profundamente consternada.

Associamo-nos ao luto que a envolve.

Estraordinária galinha

Esta notícia veio da América. Uma galinha já afamada por haver posto os maiores ovos do Mundo, bateu no sábado último os seus *récords* anteriores, largando um que mede 24,65 centímetros por 8,90. Mas no fim e ao cabo morreu por lhe faltarem as forças para mais...

Coitadinha!

ALARMANTE PERSPECTIVA

—o—

Estamos em Janeiro e já começou a faltar água nos domicílios!

Por este andar, o que sucederá quando chegarmos ao Verão?

Com vista à Ex.ma Câmara Municipal.

Bombeiros Voluntários

-o-

Completa hoje 68 anos a Associação H. dos Bombeiros Voluntários, que à cidade e concelho tem prestado bons serviços.

As nossas saudações.

Achados

—o—

No Comando da Polícia estão em depósito desde o dia 2 uma tabaqueira, uma gabardine, uma bicicleta e uma chave.

Entregam-se a quem provar pertencer-lhe qualquer destes objectos.

Além túmulo

Alfredo de Brito

Tendo passado ante-ontem o 13.º aniversário da morte deste nosso inolvidável amigo, o sarcófago que no cemitério central encerra os seus despojos ficou, mais uma vez, coberto de flores como preito de homenagem à sua memória.

E' que não esquecemos a sua camaradagem e os serviços que prestou ao *Democrata*, de que foi valioso cooperador.

Manuel Lopes Guimarães

Também faz hoje dez anos que faleceu este considerado comerciante, conhecido pelas suas ideias republicanas e que depois do 5 de Outubro se evidenciou na política local.

Igualmente o recordamos.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

PIERINO GAMBA

novamente em Aveiro

Reaparece no próximo dia 31 de Janeiro, no palco do **Cine Teatro Avenida**, desta cidade, e sob o patrocínio do Círculo de Cultura Musical, o maior fenómeno musical do nosso século.

O prestígio já mundial do seu nome, vai levar de novo àquela sala de espectaculos, uma multidão ávida de escutar, em silencio, religiosamente, a magía da música atravez da batuta de **PIERINO GAMBA**.

... **PIERINO** tem agora mais um ano. Vendo-o e ouvindo-o, deve dizer-se que, se em tantos casos sucede (nos meninos prodígios) diminuir o «prodigio» na medida que cresce o «menino», em **PIERINO GAMBA** cresceram neste ano «o menino e o prodígio». — Assim o afirmou o grande Maestro e crítico musical Ruy Coelho, após o primeiro concerto desta nova série, realizado no Coliseu dos Recreios, de Lisboa.

Estamos crentes de que o público de Aveiro, amante de bôa música, vai encher novamente a sala daquele **Cine Teatro**, para vêr, ouvir e aplaudir o grande maestro **PIERINO GAMBA**, dirigindo a **GRANDE ORQUESTRA SINFÓNICA** da Emissora Nacional.

que o cão saisse e o outro seu companheiro ficasse.

Eu fui ligando a correia à coleira do bicho; e preguntei:

—Como matam os cães?

—Com estricnina.

Fiz uma festa ao companheiro de *Pang Yao*, um belo animal, meigo e docil, de linhas esbeltas, que tornou a lamber-me as mãos e a mirar-me com seus olhos dôces e infinitamente tristes.

—Resigna-te, companheiro — disse-lhe eu. Assim acontece também na vida dos homens: há uns com mais sorte que outros... E quanto a ti, patife, vê se não tornas a fugir sem açaimo... São leviandades que me custam caro.»

Então o senhor que veio abrir a jaula elucidou-me, por sua vez, que não faziam muito reparo; que só apanhavam os cães que andavam fazendo escândalo, quando alguém mandava dizer...

—Muito bem. Não podem fazer escândalo. Acho justo. E se o fizerem serão capturados os que não tiverem açaimo. Nada mais lógico! O açaimo é uma espécie de salvo conduto que lhes permite todas as extravagâncias...

E ralhei com *Pang Yao*:

—E's um imoral. Proibo-te que tornes a perseguir na via pública as donzelas da tua espécie! E se o fizeres terás de levar açaimo. Daqui para o futuro tens de usar maneiras comedidas e prudentes... Maneiras parecidas com as nossas.

Antes de o levar fiz uma derradeira festa ao seu companheiro de infortúnio e fui espreitar, nas outras jaulas, aquela gente de maus costumes, os tres ou quatro infelizes que ali aguardavam a estricnina. O companheiro do *Pang Yao* encostou o focinho aos ferros e quedou-se a olhar-me, com os seus olhos meigos e tristes. Este era decididamente um Romeu sentimental, um daqueles inocentes pecadores que não podem fugir à sua fatalidade amorosa e a quem perdoamos todos os desvarios...

* * *

Hoje, ao passar junto do café que frequento, tornei a encontrar-me com o outro fox que todos os dias passeia aristocraticamente na Avenida, sem usar sombra de açaimo.

—Então tu, meu maroto, consegues flanar por aqui a todas as horas sem que a Câmara te veja?!...

Ele percebeu a pergunta. E perante o meu pasmo, estacou, e respondeu-me com voz aflautada e estranha:

—Eu não sou um dêsses mal-educados que perseguem as damas na via pública.

E dizendo isto seguiu o seu caminho. Eu fiquei pregado ao chão. Confesso que foi a primeira vez que ouvi um cão falar...

ANTÓNIO DE SANTA CLARA

Club dos Galitos

Foram eleitos os novos corpos gerentes desta prestante colectividade, apurando-se o seguinte resultado:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, dr. Jaime de Melo Freitas; *secretários*, Raúl Soares Nobre e Mário Sequeira Belmonte.

Substitutos

José Duarte Simão, Manuel da Silva Félix e Joaquim Costa.

CONSELHO FISCAL

Presidente, Francisco Encarnação; *vogais*, Adelino Cardoso e Carlos Leitão.

Substitutos

Alberto Casimiro da Silva, Pompeu Figueiredo e Mário Andias.

DIRECÇÃO

Presidente, Remígio Sacramento; *tesoureiro*, Augusto Pilreira; *secretário*, João Campos Amaro; *vogais*, António Henrique da Cunha, Francisco Rebelo Ribeiro e João da Naia Sardo.

Substitutos

António da Costa Ferreira, João Ramos, Henrique Lemos, Artur Fino, Artur dos Santos Monteiro e Américo Picado.

Bom gosto e mau gosto

Reatemos o fio da conversa interrompida.

Desçamos de novo a terreiro a terçar armas em defesa da paisagem rural.

Se outros o fizeram antes com mais brilho e audácia, marque este nosso combate maior tenacidade e persistência. Não nos chega que os outros se convençam. Precisamos que se juntem a nós e nos acompanhem na luta, sem descanso ou desfalecimento.

A vós todos, habitantes das nossas lindas aldeias, eu vos conjuro a seguirem-me e que cada um em seu meio seja um batalhador intemerato em prol desta ideia: a manutenção das características paisagísticas locais, do tipo regional da sua arquitectura, que o saber de experiências feito dos vossos maiores criou e aperfeiçoou através das idades, dando aos vidouros uma expressiva lição de bom senso e de muito bom gosto.

Repeli com convicção e energia a imposição de tipos que saiam dos moldes tradicionais de construir, seguidos de há muito nas vossas formosíssimas povoações e que lhe imprimem um carácter próprio e tão bem se casam com a côr do ambiente e melhor se adaptam ao clima.

Aqueias aldeias portuguesas que não apresentam a desfear-lhe o conjunto a casa banal do brasileiro, rebrilhante no seu revestimento de azulejo, a casa da escola primária em forma de caixote com buracos, ou ainda o *chalet*—o execrando chalet de traça exótica que o snobismo de alguns copiou dos países nórdicos e nada nos diz nesta terra abençoada de sol e clima temperado; as formosas povoações rurais que souberam com inteligência e carinho tirar partido dos materiais que a natureza ali pròdigamente lhes dá e tão lindo casario oferecem à admiração do visitante, cansado daquelas construções utilitárias citadinas, onde por mais das vezes o gosto se sacrifica ao interesse material, esses aglomerados disseminados pelo solheiro ou húmido solo português dão-nos não só uma lição admirável de bom nacionalismo como revelam o gosto, o bom gosto da gente simples dos nossos campos, a quem não seduz, para viver uma vida feliz, as complicações e extravagâncias dos homens da cidade, dum gosto discutível por nem todos saberem respeitar aquelas raizes que os devia prender à terra donde provieram e que outra melhor não há.

Resisti—boa gente dos campos—à construção de edifícios públicos ou particulares nas vossas aldeias, que se não harmonizem com o estilo tradicional do meio. Para isso não necessitais de educação estética ou conhecimentos de arquitectura; basta que os vossos olhos e a vossa sensibilidade vos digam que aquilo não é vosso. E não vos iludais com a argumentação de que se trata de obras modernas e que a sua aceitação revela espírito progressivo. Preferi que vos acoimem de sel vagens, resistindo àquelas inovações. E' que esses que assim falam já perderam o sentido do que é português, o amor ao que é nosso, por não terem olhos se não para ver o que os outros lá pela estranja fazem e criam.

Dai-lhes um vigoroso ensinamento, uma lição de patriotismo, rejeitando-lhe as obras e impedindo por todos os meios legais que elas venham pôr uma nódoa indelével no conjunto harmonioso e típico das vossas aldeias.

A's Casas do Povo compete, sobretudo, a organização desta resistência.

E veremos, de hoje a quinze dias, como elas, no nosso entender, devem colaborar nesta campanha de defesa da paisagem rural, nesta campanha de bom gosto.

M. C V.

O DEMOCRATA devido ao escol de assinantes que possue, à sua expansão e ao interesse com que é recebido todas as semanas pelos seus numerosos leitores, chama-lhes a atenção para os anuncios que publica e fazem parte integrante do valor adquirido como jornal dos mais preferidos no nosso meio e adjacências.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez ante-ontem anos a sr.ª D. Helena de Macêdo Ribeiro Madeira, esposa do sr. dr. Adérito Madeira, considerado clínico; hoje fazem as meninas Fernanda da Cunha Ritto e Maria José Génio de Lima, filhas respectivamente, dos srs. Tavares Ritto e capitão Barata de Lima, e o sr. Antero Simões Pina, oficial aposentado dos C. T. T.; ámanhã, a interessante Maria Craciette Crespo Dias, filha do sr. José Dias Pinheiro, gerente da filial da C. U. F. e os srs. tenente Jaime Sabino e Manuel J. da Costa Guimarães; no dia 30, a sr.ª D. Emília Augusta dos Reis Ferreira e o sr. dr. José Tavares, reitor do nosso Liceu; em 31, a professora sr.ª D. Cândida T. Lopes Brites, esposa do sr. João Baptista do Amaral Brites, 1.º sargento de Infantaria 10; os srs. Francisco Fernando da Encarnação Dias, José Diniz Freire e tenente Filipe Monteiro, de Infantaria 17 (Açores) e a galante Lélita, filha do sr. Raul de Mesquita Lelo, actualmente em Luanda (Angola); em 2 de Fevereiro a professora sr.ª D. Olívia Neto Rangel, esposa do sr. António José Nunes Rangel, de Aradas, e o nosso velho amigo padre Diamantino Vieira de Carvalho, de Mira; e em 3, os srs. dr. Fernando Moreira, digno conservador do Registo Civil e José Simões Pachão, nosso dedicado assinante na América do Norte; o académico Rogério Leitão, filho do nosso amigo dr. Humberto Leitão, esclarecido clínico, e a interessante Fernanda Emília, filha do sr. Américo Carvalho da Silva.

Partidas e Chegadas

Partiu de novo para o Congo Belga onde foi tratar dos seus negócios, o sr. António Nunes Freire, que tenciona demorar-se pouco tempo.

Que fizesse boa viagem são os nossos desejos.

--Esteve cá o sr. Joaquim Pereira, residente em Chaves.

Doentes

Da Beira (Africa Oriental) foi transmitida para esta cidade a notícia de ali ter sido acometido de doença grave o nosso conterrâneo e amigo Marino Moreira, o que sentimos, fazendo votos pelo seu restabelecimento.

Aos anunciantes de "O Democrata,,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes.

NECROLOGIA

Em Salreu finou-se com 48 anos de idade o professor Jaime de Melo e Costa, que há mais de vinte cinco ali exercia o magistério primário.

Deixou viuva a sr.ª D. Josefina Larangeira Costa e duas filhas, era irmão das srs.as D. Norbinda e D. Maria de Melo e Costa, também professoras, e o seu cadáver veio para o cemitério central desta cidade, donde era natural.

A toda a família, sem excluir sua velha mãe, as nossas condolências.

* * *

Também se finou na segunda-feira, sendo sepultado no dia seguinte, no cemitério sul, o sr. Manuel Augusto Fernandes Rebelo, natural da Murtosa, de onde viera há meses para bilheteiro do Teatro Aveirense.

Tinha 53 anos, deixando viuva e um filho, para quem vão as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Alberto dos Santos Pereira, casado, de 42 anos; Manuel Dias Sardo, viuvo, pescador, de 98, e Artur de Oliveira Vinagre, solteiro, de 61, antigo vendedor de jornais, natural de Lisboa, e em *Alumieira*, Maria da Cunha, de 70, casada com Ernesto Fernandes da Silva.

Agradecimento

A viúva e demais família de Sidónio Leal manifesta por esta forma o seu reconhecimento ás pessoas que durante a doença se interessaram pelo seu estado e ás que igualmente o acompanharam à última morada.

Aveiro, 23-Janeiro-950

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,21 (correio)	0,24 (correio)
5,50 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	9,19 (rápido) [1]
8,05 (tram.)	11,13 (tram.)
12,56 (rápido)	12,20 (correio)
13,06 (tram.)	15,33 (tram.)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido)
19,25 (correio)	21,50 (mixto)
20,56 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 19,03 e 21,07 que não seguem.
22,59 (rápido) [1]	

(1) Só se efectuam às terças, quintas-feiras e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	7,31
15,15	10,48
17,38	19,12
20	23

Correspondências

Costa do Valado, 26

Deve realizar-se no próximo domingo, mais uma vez, o tradicional cortejo dos pastores seguido da venda das ofertas ao Menino Jesus cuja arrematação se efectuará em frente à capela de S. Tomé, como de costume.

—De passagem para Oliveira de Azemeis, onde agora reside, vimos cá o nosso conterrâneo, pois pertence à mesma freguesia, Silvério de Oliveira Pinho, com família, ali da Granja.

—Ao passarem, há dias na Gandara, de regresso a casa, caíram a um poço em construção, duas vacas, que foram salvas pelos bombeiros de Aveiro, chamados logo após o sinistro.

Assistiram muitos curiosos, que auxiliaram os trabalhos.

—No vizinho lugar da Póvoa abriu no domingo um novo estabelecimento com serviço de chá, café e pastelaria, que se propõe servir o público da terra dentro das suas possibilidades. O *Café Povoense* fez a inauguração com um animado baile, ao qual não faltou a concorrência da mocidade.

Desejamos-lhe prosperidades.

—Faleceu no sábado, em S. Bento, Helena Simões de Carvalho, casada com José Lopes Vieira. Contava 66 anos de idade e deixa uma filha. O enterro efectuou-se no dia seguinte para o cemitério da Oliveirinha, encorporando-se várias irmandades e, na cauda, a música de S. João Loure, que executou durante o trajecto uma marcha fúnebre.

Pêsames à família.

C.

Oliveirinha, 26

O tempo continua a prejudicar sèriamente a agricultura por falta de chuvas. Os poços mantêm-se com pouca água e as terras, sequiosas, nem erva criam.

Isto vai mal, muito mal mesmo, para o lavrador.

—Faleceu a semana passada o tanoeiro Américo Filipe Coelho, que, sendo natural de Ovar, aqui residia há muito. Contava 52 anos, era casado e deixa nada menos de 8 filhos, alguns menores.

C.

UM HOMEM...

—o—

Está a fazer um mês que morreu Albino Martins Pereira no lugar da Costa do Valado, freguesia da Oliveirinha do Vouga.

Quando em 1495 a Rainha Isabel de Castela recebeu a notícia de ter falecido em Alvor, praia radiosa do Algarve, o rei D. João I de Portugal (o Príncipe Perfeito) teve esta frase que em três palavras sintetizou *-Morreu um Homem!*

Guardando as devidas distancias entre o monarca ilustre, colocado em plena e radiante época dos descobrimentos num trono de excepcional grandesa e Albino Martins Pereira, humilde, mas de grande sagacidade, alma cheia de virtudes, que prestou a esta freguesia altos benefícios que o povo não deve esquecer, lembramos que perante a sua memória se deve curvar. Contava 87 anos e viveu durante muito tempo na nossa ilha de S. Tomé onde acompanhou o ilustre médico dr. António José de Almeida, mais tarde presidente da República e com quem manteve íntimas relações.

Paz à sua alma e pêsames aos filhos.

Do seu admirador e amigo

Manuel da Cruz Manuelão

Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo Juizo de Direito do 2.º Tribunal da comarca de Aveiro, correm éditos de 40 dias notificando Manuel Fernandes Casqueira e Adelino Gandarinho, que residiram no lugar da Gafanha do Carmo, freguesia de Ilhavo e agora ausentes em parte incerta, como proprietários dos prédios penhorados aos executado João Maria da Silva Fernandes e mulher Custódia Gandarinho e Manuel dos Santos Reigota, todos da Gafanha do Carmo, de que, por despacho de 3 de Junho de 1949, foi ordenada a penhora nos prédios dos referidos executados e para no prazo de 3 dias, findo o dos éditos, que começará a correr da segunda publicação do anúncio, declararem o que entenderem quanto ao direito dos executados referentes aos prédios penhorados.

Aveiro, 14 de Janeiro de 1950

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito do 2.º Tribunal,

José Luís de Almeida

O Chefe da 1.ª Secção,

Fernando da Rocha Pereira

« O Democrata »

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.